

Memórias Acionadas:

Espaçotempo para Glória Pondé

JANE PAIVA

PRIMEIRAS EVOCAÇÕES: ESPAÇOTEMPO DA MEMÓRIA

Devo iniciar, ao escrever este texto, pelos sentidos que a memória tem assumido na minha trajetória de investigadora. A memória, como a compreendo, é construída por um processo ativo de criação de significados que ganham novos sentidos a cada narração. Na qualidade de fonte oral, indico que a memória possui um elemento que nenhuma outra fonte tem da mesma forma: a subjetividade do expositor que conta não apenas o que fez, mas o que pretendia fazer, acreditava estar fazendo e que pensa ter feito. Pode, portanto, revelar muito dos custos psicológicos de determinados eventos sobre os envolvidos, direta ou indiretamente. Esse caráter subjetivo das narrativas não pode ser camuflado pelos discursos de objetividade/neutralidade, pelo contrário, essa especificidade é encarada como riqueza de possibilidades que este tipo de fonte traz para a tentativa de reconstrução de um *espaçotempo* humanizado, mais próximo da realidade. Pelas narrativas, a realidade — irrepitível — que constituiu a vida social emerge, marcada por novas subjetividades e apropriações singulares do vivido, impossível de ser conhecida apenas pela descrição de fatores políticos e econômicos. Enlaçam-se a eles aspectos culturais e sociais, de participação e implicação sobre cada indivíduo — e é apreendida pelos sujeitos de acordo com a posição que ocupam no estrato social. Parcialmente apoiada em fontes orais, alerta-se que a memória é sempre

uma *reconstrução* (LANG, 1996, p. 35): evocação “[...] de um passado visto pela perspectiva do presente e marcado pelo social, presente a questão da memória individual e da memória **coletiva**”. Portanto, a evocação que o evento Jornada Glória Pondé me causou, levando-me até a escrita desse artigo, não o faz apenas como “[...] um recolhedor de memórias ou de performances verbais, mas sobretudo como um provocador dessas memórias e performances, que contribui para elas por meio de sua presença, das suas perguntas, das **reações**”, como ensinou Portelli (2010, p. 20).

Com esse fundamento dispus-me a rememorar Glória Pondé, que em um *espaçotempo* definido, esteve fortemente imbricada à minha vida. A memória faz-me retornar ao passado, sob a perspectiva do presente, e trazer à tona nosso (re)encontro na literatura e no projeto do *Centro de Leitura e Escrita* do Programa de Alfabetização e Leitura (PROALE), da Universidade Federal Fluminense (UFF). Em tempos de celebração dos 50 anos da *Pedagogia dodo Oprimido*, de Paulo Freire, cabe trazê-lo também a esta interlocução, pelo seu sempre inesquecível dizer de que “[...] a leitura do mundo precede a leitura da **palavra**”. Se eu o evoco, é porque vejo Glória como alguém para quem a significação da leitura e da escrita — como textos que produzem — jamais se fez descolada dos contextos em que são produzidos — esses, conformando o *mundo* o qual Paulo Freire lembra que não se dá a leitura da palavra. Esse mundo que ética e esteticamente nomeamos, que só existe pela forma como nós o apreendemos, tornando-se, assim, *um mundo, o nosso mundo*, absolutamente singular e único, como Fritjof Capra (2000) ensina, ao assumir a física quântica como fundamento da compreensão da vida e dos fenômenos que ela produz.

Desse jeitinho, Glória Pondé se uniu à leitura e à escrita, penso, nas evidências que fui podendo perceber em nosso convívio. De-

Minha paixão pela literatura me acompanhava desde a infância e não foram poucas as vezes em que, na trajetória acadêmica, as pessoas pensavam que eu era formada em Letras.

vo dizer que minha memória a reconstrói, acionando ao mesmo tempo Nilma Lacerda, escritora premiada e contemporânea de escola primária nos anos 1950 e do Instituto de Educação (IE, hoje IERJ); Marisa Borba, desses idosos saudosos no IE; e Cecília Goulart, também do Instituto (como o chamávamos) — todas contemporâneas de geração, de escola pública e de escola normal, mulheres e profissionais das letras, da leitura, da escrita e da literatura.

REENCONTROS ACADÊMICOS: TEMPOS DE UFRJ

Reencontrei Glória já professora da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), quando, em 1988, criava o primeiro curso de especialização em Literatura Infantil em Língua Portuguesa, com inserções de estudantes brasileiros e latino-americanos e articulações com professores da América Latina, de vários países. Inscrevi-me no processo seletivo e cheguei a um curso que em boa hora surgia diante de mim. Reconhecemo-nos nesse *espaçotempo* e, a partir de então, muitas histórias se cruzaram. Minha paixão pela literatura me acompanhava desde a infância e não foram poucas as vezes em que, na trajetória acadêmica, as pessoas pensavam que eu era formada em Letras: não, eu fizera Biologia! Jamais, no entanto, abandonara a paixão pela educação, pela leitura e pela literatura — razões de viver, desde a infância, leitora contumaz de Lobato. Acompanhei o “nascimento” da literatura infantil no Brasil pela leitura da coluna semanal de Laura Sandroni, mantida entre 1975 a 2002, no *O Globo*, de crítica de livros destinados a crianças e jovens. Laura Sandroni me guiou, na década de 1970 e adiante, sem saber, pela formação literária de minhas duas filhas, para as quais os livros e o teatro de qualidade não faltaram abundantemente na infância. Eu, leitora quase

exclusiva de Lobato (e de algumas outras obras como poemas de Olegário Mariano e de Olavo Bilac, disponíveis na minha infância), sorvia com elas a delícia dos novos textos e autores que iam surgindo e inventando uma vida literária para as crianças. Ana Maria Machado, Lígia Bojunga, Ruth Rocha enchiam esse tempo e a biblioteca que íamos constituindo em casa. O curso coordenado por Glória, portanto, fazia-me bem naquele tempo de dor que eu passava e com muita dedicação e empenho pude participar de todas as atividades por ele proposto e da presença e conhecimento dos convidados latino-americanos e nacionais que conosco estiveram, abrindo os horizontes da produção editorial de livros no país e na América Latina, assim como complexificando os critérios de fruir e avaliar a literatura, na pessoa de vários autores que compartilharam suas experiências conosco. Glória desdobrava-se na organização de atividades e viagens de ampliação de conhecimento e estudo que ultrapassavam as obras, chegando até o plantio/reflorestamento que daria início à produção do papel que, naquele tempo, praticamente, era o único suporte do texto impresso.

A monografia do primeiro semestre de curso trouxe Lígia Bojunga como *leit motif*, com o maravilhoso livro *O meu amigo pintor*, em que a cor, ao longo de toda a obra, expressava as emoções de um menino que perdera seu amigo para o suicídio. Pela teoria da cor, pus-me a ler e interpretar a obra, fazendo desse estudo uma forma de aquietar meu sofrimento de perda tão recentemente vivido e que eu buscava enfrentar, poetizando a vida. Ao final do curso, uma nova monografia tratou de tema muito afeito também à minha prática profissional: *O papel da literatura na formação de neoleitores jovens e adultos*. Este conceito de *neoleitores* bem mais tarde voltará a impregnar a defesa que fiz como integrante da comissão julgadora do Concurso *Literatura para todos*,

do MEC, nas três versões que existiram, nos anos 2006, 2007/2008 e 2009.

INCURSÕES NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: TEMPO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Eu trabalhava não só como professora de Biologia na rede estadual, mas também na Fundação Educar, nessa época, coordenando um projeto de formação de professores para a educação de jovens e adultos pelo rádio (em complemento ao projeto de ensino por correspondência e ao de televisão, o *Verso e Reverso — Educando o educador*). Estávamos na terceira série do Programa e sabíamos que o rádio tinha um potencial imenso de alcance no país, com linguagem própria, que mexia com o imaginário das pessoas. Mas até então o que a emissora Manchete fizera, contratada para executar os programas de televisão e de rádio nas duas séries anteriores, nada tinha a ver com o que o rádio podia cumprir como veículo e linguagem. Não havendo convênio firmado para a realização da terceira série via rádio, buscamos a rádio MEC, onde chegamos a uma dupla radialista que em cheio podia responder ao desafio — Luiz Alberto Sanz, um exilado político erudito, de notório saber e depois professor titular da UFF, já aposentado e Zé Zuca, criativo radialista a quem o câncer não poupou. Precisávamos, entretanto, de uma consultora em língua portuguesa que nos auxiliasse nos programas de alfabetização e formação de leitores jovens e adultos. Glória foi, então, nossa aposta e, com sua consultoria, construímos vários programas que ainda hoje gostaríamos de ver reeditados. Infelizmente a série ficou no meio do caminho dos 26 programas previstos. Com 13 programas prontos e radiofonizados, a Fundação Educar foi extinta em 1990 pelo então governo Collor de Mello. Seus servidores foram postos em disponibilidade e os professores ficaram desassistidos e desamparados no processo de formação continuada, apenas iniciado nesta nova série, que prometia um novo fazer formação, pelo rádio.

PULSÕES, CONEXÕES E ESPAÇOS TEMPOS DE UFF: NASCE O PROALE

Com a extinção da Educar, entramos, então, num redemoinho impossível de toda uma equipe qualificada posta em disponibilidade, sem trabalho e sem perspectiva. Eu junto a outras lideranças do movimento de servidores buscávamos, nas instituições federais, a disposição de um dirigente que quisesse absorver em seus quadros os técnicos — especialistas experientes, de variadas áreas de nível superior. Como o Rio de Janeiro fora a capital federal, havia muitas possibilidades a que tratamos de alcançar, montando projetos e levando currículos daqueles que tivessem interesse nessas instituições, dada a formação de cada qual, para que se submetessem a processos seletivos, tal como servidores “desempregados”.

A história da disponibilidade, que durou um ano e alguns meses, não ocorreu com a simplicidade com que, aparentemente, a narro aqui. Foram tempos de horror, de vergonha e humilhação vividos, que muitos companheiros não suportaram: sucumbiram doentes e, para muitos, a morte aquiesceu os danos que não conseguiram enfrentar. Haverá um tempo em que essa memória que tão profundamente nos marcou, será narrada oficialmente, para que nunca mais venha a acontecer com quem quer que seja, pela indignidade a que fomos submetidos, tão pouco tempo depois de homologada a Constituição Federal de 1988, que assegurava o princípio da dignidade humana como fundamento da vida democrática no país. Posso afirmar que Glória, literaturizando a vida, compreendeu e ajudou na saída acadêmica que nos devolveu a muitos o direito ao trabalho e ao cumprimento do dever com o serviço a ser prestado à sociedade, por meio da Universidade Federal Fluminense.

Glória Pondé, já professora da UFF, depois de uma carreira intensa na UFRJ, foi quem nos procurou, aproximando-nos de sua chefe de departamento, Prof^a. Cecília Corrêa de Medeiros, aposentada, mas em atividade ainda, que muito desejava criar um programa de alfabetização e leitura que atuasse pela perspectiva da extensão e da pesquisa, agluti-

Tal como na atualidade, outros colegas professores se ocupam do PROALE. Glória também o fez com dedicação e afinco, valendo dizer que instigou e produziu um espaço de ação e reflexão sobre a literatura infantil e juvenil associado ao ensino, à extensão e à pesquisa na UFF.

nando diferentes profissionais do campo, que a Faculdade de Educação abrangia. Coube à Prof^a. Cecília Medeiros a negociação com o Reitor da época, Prof. Raimundo Romeo, que assumiu o compromisso de interferir junto ao MEC para receber os profissionais que tivessem interesse e perfil para integrar o programa que se desenharia, o que fez com empenho e êxito. Raimundo Romeo incansavelmente trabalhou e garantiu, politicamente, junto ao MEC, o aproveitamento dos profissionais que a Faculdade de Educação selecionasse para integrarem o quadro técnico da UFF. Assim, acolhidos por Cecília Medeiros, iniciamos a discussão do que seria o Programa, e junto com Glória Pondé e Helena Finamore, técnica da Educar, como eu, desenhamos o Programa de Alfabetização e Leitura (PROALE). Nascia assim mais um Programa na UFF que, até hoje, se mantém ativo e intenso, demonstrando o quão acertado fora o visionário desejo da Prof^a. Cecília Medeiros, a quem homenageio também nesse momento.

Raimundo Romeo, na sua disposição de gestor interessado em qualificar ainda mais seus quadros, viabilizou a construção do PROALE. Não havia dúvidas sobre a qualidade acadêmica do Programa quanto ao que se propunha para o desenvolvimento de projetos de leitura, escrita e literatura. Porém, não sem muitas dificuldades, o Programa foi aprovado politicamente nas instâncias da Faculdade de Educação, assim como nossa integração como técnicos à UFF (mas esta é uma outra história que minha memória irá sublevar e não narrará desta feita).

Sob a coordenação de Cecília Medeiros, e junto a Glória, desenhamos as demais finalidades/ações do PROALE. Glória Pondé, assumindo o projeto *Centro de Leitura e Escrita*, trazia a experiência que *A arte de fazer artes* já demonstrara: seu compromisso com a formação de leitores e com o direito de todos de saber ler e escrever, sintetizando sua trajetória

profissional e sua ética e estética deste *quefazer*.

A metáfora da sigla deste projeto — CLÉ, chave, em francês — se fazia grande: uma chave que se oferecia a abrir portas de políticas públicas municipais em todo o estado do Rio de Janeiro. Um projeto foi então submetido ao MEC e com recursos públicos que nessa ocasião as universidades conseguiam obter para contribuir com políticas públicas estaduais e municipais, auferimos recursos que permitiram formar acervos de cerca de 500 títulos tanto de literatura infantil quanto de livros para professores, para todos os municípios fluminenses (inesquecíveis os tempos de galpão quando separamos e montamos as 500 caixas que materializavam os acervos de literatura, suportando a poeira e o cansaço que a tarefa física enfrentava). Um Termo de Cooperação Técnica propunha a assessoria da UFF para desenvolver, a partir do acervo doado, um projeto que fosse o mais conveniente para cada rede municipal, valorizando e, esperava-se, multiplicando aquele acervo semente. Em cerimônia formal no Teatro da UFF, os prefeitos assinaram o Termo com a Reitoria e levaram os acervos que davam início a uma ação que tem seus êxitos, certamente, na memória da educação do estado do Rio de Janeiro. Tal como na atualidade, outros colegas professores se ocupam do PROALE. Glória também o fez com dedicação e afinco, valendo dizer que instigou e produziu um espaço de ação e reflexão sobre a literatura infantil e juvenil associado ao ensino, à extensão e à pesquisa na UFF.

DO TEMPO DE CHAVES E PORTAS A ESPAÇOS INFINITOS

Tempos depois, ainda parceiras no PROALE, Glória me conduziria, pela relação estreitada nesses tempos de UFF, a ocupar, como representante do Programa, a co-

missão de avaliadores especialistas das obras de literatura infantil e juvenil da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), a sempre presente FNLIJ, para a qual pude oferecer a contribuição de nossa atuação coletiva no PROALE. Pouco mais tarde, Glória, a que sempre abria portas e caminhos quando se tratava da leitura, da escrita e da literatura, convenceu-me a aceitar o convite do então Presidente da Fundação Biblioteca Nacional, o saudoso intelectual Eduardo Portella, para participar da Comissão do Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER), no qual permaneci por vários anos, atuando em diálogo com diversos profissionais do quilate de Rosa Cuba Riche, que me acompanhou na Jornada que deu origem a este texto; de Nilma Lacerda, querida escritora, companheira e colaboradora de muitos espaços profissionais; e especialmente de Beth Serra, a quem também presto homenagem pela dedicação e luta constantes em prol da qualidade da literatura que oferecemos a crianças e jovens no país; e, ainda, a tantos outros especialistas, professores dedicados, autores e escritores que fizeram da literatura um compromisso com a emancipação do pensamento e da imaginação.

Glória Pondé, pouco depois do concurso para titular na UFF, assumiria um estágio longo na França para, em seguida, se aposentar. Ainda teve tempo de integrar minha banca de mestrado, cuja dissertação foi defendida aqui na pós-graduação da UFF, onde também defendi a tese de doutorado (já então estava aposentada na UFF e integrada, como professora, à Faculdade de Educação da UERJ, onde me encontro ainda hoje).

Glória Pondé certamente tinha sonhos e planos para a continuidade de uma vida de luta, afeto e dedicação. Sabia, com sua doçura, com sua fala mansa, cativar-nos e envolver-nos nos mais desafiantes projetos e ideias. Deixou-nos cedo demais. Mas ainda posso ver — porque a memória a traz vívida e completa para mim — seu sorriso, sua expressão serena e incentivadora a que recorro — e recorri —, nos muitos outros desafios que a vida exige/exigiu de mim,

para fazer um mundo mais belo, mais ético, mais humano, no campo da educação.

REFERÊNCIAS

BOJUNGA, Lígia. O meu amigo pintor. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

BRASIL. Fundação Educar. Projeto Verso e Reverso — Educando o educador. Rio de Janeiro, 1987.

BRASIL. MEC. Concurso Literatura para Todos. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/32744-literatura-para-todos>. Acesso em 11 maio 2019.

CAPRA, Fritjof. A teia da vida. São Paulo: Cultrix, 2000.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

LANG, Alice B. da S. G. História oral: muitas dúvidas, poucas certezas e uma proposta. p. 33-47. In: MEIHY, J.C.S.B. (org.). (Re)introduzindo história oral no Brasil. São Paulo: Xamã, 1996.

PORTELLI, Alessandro. Ensaio de História Oral. Trad. Fernando Luiz Cássio e Ricardo Santiago. São Paulo: Letra e Voz, 2010. (Coleção Ideias).

SOBRE A AUTORA

JANE PAIVA é professora associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), na Faculdade de Educação e no Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPEd), atuando no campo da educação de jovens e adultos e de aprendizados ao longo da vida. Especialista em Literatura Infantil e Juvenil pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. <http://lattes.cnpq.br/3049044829510326>.